

humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME II



COIMBRA
MCMXLVIII-MCMXLIX

CHARLES YELLAY — *Le regne de Laomédon*. Copenhague, 1946.
Apud *Classica et Mediaevalia*, pp. 44-86.

O interessante problema da historicidade de Laomedonte, filho de Ilo e pai de Priamo, é o que Charles Yellay sugestivamente nos apresenta neste folheto de 42 páginas, excerto de *Classica et Mediaevalia*, abo- nando-se com rigorosa documentação.

Os historiadores antigos tinham considerado a guerra de Tróia como o limite entre a lenda e a historia, e assim espalhou-se a confusão e foram tidas como lendárias individualidades que na historia desempenharam importante papel. Esta opinião, ou preconceito — quando levada às con- sequências a que foi—, tem sido persistentemente mantida, a tal ponto que muitos homens de ciência preferem afastar-se dos resultados das escavações arqueológicas a renunciar ao enraizado preconceito.

A confusão da história e da lenda torna difícil o estabelecimento da necessária destrinça. Impõe-se o emprego rigoroso de um método cien- tífico, em que se procure eliminar todas as excrescências fabulosas, pro- duto de imaginação do povo ou da introdução de mitos, e em seguida reunir e coordenar o resto, isto é, aquilo em que tradições e textos estive- rem de acordo, e tudo isto acompanhado, quando possível, dos dados arqueológicos. Todavia, estes são geralmente insuficientes, pois, úteis para o estabelecimento da cronologia e da sequência da evolução, são omissos no que diz respeito ao relato das actividades individuais.

Foi este grande empreendimento — apurar factos e datas — que ten- tou Charles Yellay. O ilustre A. está perfeitamente à altura da grandeza da tarefa: homerista insigne, fundador e director da *Revue des Etudes homériques*, são da sua pena autorizada trabalhos valiosos, entre os quais salientaremos *Alexandre en Troade* (na revista *L'Acropole*, n.º de Abril- -Junho de 1931) ; *Les fouilles d'Hisarlik—Troia iterum extincta* (no *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, n.º de Janeiro de 1933); *Contro- verses autour de Troie*, volume da «Collection d'Etudes Anciennes», da Associação Guillaume Budé; *Le pèlerinage homérique*, Monte Carlo, 1945; e *Les légendes du cycle troyen — Le roman de Paris* (na revista *Les Etudes classiques*, tomo xiv, fases. 1-2).

Para ajuizarmos da dificuldade da questão, convirá lembrar que os autores antigos não trazem uma narrativa seguida ou uma vista de conjunto. O seu contributo reduz-se em geral a pormenores fragmentários ou alu- soes isoladas, e tais informações esporádicas só se compreenderão quando entre elas se estabelecer o devido nexos.

Os textos mais importantes não mencionam sequer o nome de Lao- medonte. Note-se que na *Geschichte von Troas*, de Eduardo Meyer, Lipsia, 1877, tal nome não aparece, e só em 1915 John L. Myres e K. T. Frost, em *The historical background of the Trojan War*, in *Klio*, xiv, Heft 4, pp. 447-467, o colocaram no quadro dos acontecimentos históricos, mas ainda de modo bastante vago e através de considerações contestáveis, que não podiam permitir um juízo seguro sobre este assunto.

Paciente e meticulosamente, Charles Vellay estudou a questão de Laomedonte, seguindo com rigor o método que se impusera, tirando dos textos o que eles podiam dizer de seguro e interpretando-os judiciosamente.

E assim nos descreve a primeira expedição militar de Laomedonte contra os mais próximos vizinhos, os Misios, o episódio de sua filha Hesione e a última guerra do rei contra Hércules e sua morte. Contamos depois como o prestígio do reino é reconquistado, após a derrota e morte de Laomedonte, pela diplomacia e hábeis contemporizações de Príamo, as riquezas das minas de ouro de Astira e a política dos casamentos, que lhe granjeou aliados, em grande parte fiéis. Príamo, fraco e contestado a princípio na sua autoridade, conseguiu restabelecer o prestígio e manter a herança paterna durante mais de meio século, pois só o destruiu, e de vez, a coligação aqueia.

Tal é a súpula do interessante trabalho do ilustre sábio de Mónaco, valioso contributo para a solução de um importante problema de história e de interpretação da Antiguidade Clássica.

FELISBERTO MARTINS

Folco Martinazzoli — *Ethos ed Eros nella poesia greca.*

Firenze, «La Nuova Italia» Editrice, x 499 -] PP.

A ideia directriz desta Qbra é dada, à maneira de epígrafe, por uma transcrição de Nietzsche, em que se estabelece uma relação estreita entre literatura e moral.

Nas páginas de «Introduzione», define o Autor o seu conceito de «literatura». Não o restringe apenas à literatura grega, mas applica-o a toda a literatura, independentemente de quaisquer fronteiras. Seguidamente, concretiza o seu ponto de vista com a análise a que submete algumas obras gregas, através dos nove capítulos que dedica ao assunto.

Na sua opinião, «se per letteratura s'intende un fenomeno di carattere sostanzialmente stilistico, descrittivo, verbale, è giustificato il disdegno in cui oggigiorno — in modo palese o sottinteso — essa viene tenuta: disdegno codificato nelle frasi ironiche «fare della letteratura», «costui é un poeta» e via dicendo» (p. 14). Reagindo contra esta ideia falsa, define arte e literatura como «l'espressione — positiva o negativa — di un'esperienza di vita. Vale a dire, d'un'esperienza morale» (p. 16). E, como os problemas antigos continuam a ser os nossos, daí o interesse que nos oferece a literatura antiga.

O Prof. Martinazzoli reconhece no espírito helénico duas características fundamentais: a liberdade e a índole dialéctica. De facto, o povo grego era assaz vivo e artista para se sujeitar a imposições, do que provém uma liberdade máxima perante a existência, liberdade que, adverte ele, «ha saputo esser medico di se stessa» (23 .p). Quanto à dialéctica, considera-a como forma do pensamento do homem grego, e condição da